

O PAPEL DA IGREJA NAS FORMAÇÕES DAS CIDADES

TEMIS GOMES PARENTE*

Resumo: Este Trabalho analisa o papel exercido pela Igreja na formação das cidades coloniais brasileiras, tanto sob o aspecto da sua localização geográfica, como pelos aspectos político e social. Tendo como exemplo a cidade de Natividade, fundada na primeira metade do século XVIII, localizada no antigo norte de Goiás, hoje o atual Estado do Tocantins.

Na formação das cidades coloniais brasileiras a constituição de suas paisagens devem-se muito a relação entre Igreja/Estado.

Por falta de normas claras do Estado na determinação da formação das cidades, a Igreja assume esse papel e de acordo com as normas e procedimentos eclesiásticos surgem as primeiras povoações no Brasil.

Tanto o aglomerado que surgia espontaneamente ou mesmo planejado, era norteado pelo local onde seria construída a capela que mais tarde se transformaria em matriz.

Observando detalhadamente a organização espacial das cidades coloniais, principalmente àquelas surgidas em conseqüências da mineração, percebe-se a importância do espaço físico em que a Igreja foi construída. Importância do papel político e social, papel normativo e institucional, que a Igreja exercia nos primórdios da colonização e que perdura até o advento da República com o surgimento do município.

Por falta do Estado não tomar a iniciativa de como organizar o espaço urbano, Igreja por há possuir essas normas tomava para si esse papel, pois era a partir da Igreja que surgia as ruas e não ao contrário.

Para construir uma Igreja ou mesmo uma capela existia normas que determinava onde, que tipo de construção, qual espaço destinado à atender as construções Sagradas. Essas normas era regularizada pela "Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia" redigidas em 1707 e publicada em 1719 que dizia: "Conforme direito Canônico, as Igrejas se devem fundar, e edificar

em lugares decentes, e acomodados, pelo que mandamos, que havendo-se de edificar de novo alguma Igreja parochial em nosso Arcebispado, se edifique em sítio alto, e lugar decente, livre de humidade, e desviado, quando possível, de lugares imundos e sórdidos...”¹

Além dessas determinações do local onde a Igreja teria que ser construída, caracterizando “o domínio da Igreja” perante o povoamento, era exigido que as construções das mesmas estivessem livres de “casas particulares e de outras paredes em distâncias que possam andar as procissões ao redor dellas”,² caracterizado muito bem nos antigos arraiais mineiros.

Sendo assim as normas eclesiásticas eram claras e rigorosas quanto a localização geográfica, à orientação a aos edificios vizinhos, ficando quase sempre assegurada a predominância da capela no ponto mais alto, na orientação geral do casario que passaria a balizar, no respeitoso distanciamento do mesmo.

Portanto, inicia-se sem outra interferência provável, o andamento espacial da localidade através do simples erguimento de seu referencial maior: a Igreja.

O PAPEL DA ARQUITETURA RELIGIOSA: NATIVIDADE

1- Breves considerações históricas

A capitania de Goiás surgiu com as descobertas de minas de ouro na segunda dezena do século XVIII e, como todas as outras do centro-oeste brasileiro - Minas Gerais e Mato Grosso - era especializado exclusivamente na exploração desse minério.

Para a Metrópole lusitana, devido a política mercantilista praticada pelos países europeus neste período, só interessava o cobiçado metal, levando portando, a tomar medidas no sentido de vedar o surgimento de outro tipo de economia, como a proibição do cultivo da cana-de-açúcar e a implantação de engenhos.

Sendo assim a maioria dos seus arraiais surgiram em decorrência de descobertas de minas auríferas. Foi o caso de Natividade, situada no norte do antigo Goiás, hoje Tocantins desde a Constituição Federal de 1988. Seu povoamento teve início em 1774 com as descobertas de minas de ouro por Antônio Ferraz de Araújo.

As minas da Natividade logo se tornaram as mais importantes do norte da Capitania, o que fez com que o arraial fosse logo elevado à categoria de julgado.

E, por ser um dos arraiais mais importante da região norte e está mais

de duzentas léguas distante da Capital, Vila Boa, Natividade desde o início manteve relações comerciais com outras capitanias, através de picadas abertas pela serra Geral, com a Bahia e Piauí, e também com o Maranhão e Pará, pelas vias fluviais do Tocantins e Araguaia, o que mais tarde teve como consequência, o fechamento dessas duas vias de acesso pela Metrópole devido a facilidade com que acontecia o contrabando nesta região.

Todas essas medidas tomadas no sentido de isolar a Capitania de Goiás viria afetar diretamente o comércio desenvolvido pelas minas do Norte, causando um isolamento de forma peninsular da região, onde só poderia existir uma via de acesso da Capitania e justamente o Norte ficaria mais distante do único caminho que liga aos outros centros povoados da mineração

A resistência da população em não cumprir as determinações reais, mantendo o comércio com essas regiões, foi o que preservou Natividade do total esvaziamento da vida urbana ao precipitar-se a decadência da mineração.

Na segunda metade do século XVIII, Natividade entra em processo letárgico de estagnação, como em todas as outras regiões brasileiras produtoras de ouro, em consequência do rareamento do metal e por falta de outro tipo de economia que viria substituir à atividade mineradora.

2 - Arquitetura religiosa em Natividade

A arquitetura religiosa em Natividade é bastante deformada da sua linha original, pois nas regiões que foram povoadas diretamente por portugueses, donde procede toda a origem da arquitetura brasileira, já houve mudanças radicais no momento de transplantar uma arquitetura lusitana para a nova colônia com adaptações das construções conforme o meio ambiente de cada região. Natividade, por estar localizada em uma das regiões mais setentrionais do Brasil, as deformações, para um aspecto mais simplória são imensas.

Não podemos comparar a arquitetura das regiões mineiras de Minas Gerais com as regiões mineiras do Norte de Goiás. Primeiro, para Minas Gerais houve grande migração e fixação de portugueses contribuindo para a que a adaptação dos modelos de construções não houvesse tanta deformação da planta original.

Já para a região ora em estudo, ocorreu justamente o inverso. As populações que migraram e fixaram eram a maioria paulistas, os quais não tinham tradição nenhuma em construções e pela sua própria natureza eram irrequietos e se locomoviam incessantemente, impedindo de criar características

arquitetônicas próprias, resultando em modelos ainda mais simplificados e deformados.

A situação do Norte de Goiás ainda era pior, pois os poucos artistas, artesão, ou oficiais mecânicos paulistas que por ventura se dirigissem à Goiás, eram destinados às construções da capital da Capitania; Vila Boa, não chegando, portanto, até o Norte.

Segundo, a economia de mineração do norte goiano, foi a mais rica e mais efêmera de todo o Brasil, inviabilizando as construções mais vultosas ou requintadas, principalmente nas minas mais isoladas da Colônia, onde todo o ouro extraído era drenado para fora, seja em forma dos impostos determinados pela metrópole, seja pela importação de produtos para suprir as necessidades, pois nas minas quase nada era produzido, ou em forma do contrabando, o que foi muito comum no Norte de Goiás.

Consequentemente, o contraste entre a pobreza particular em meio à riqueza coletiva, resultaria numa arquitetura fraca, sem ornamento e sem ostentação.

As construções das Igrejas, por ser um esforço coletivo de contribuições da população não sofreu com a mesma intensidade as limitações que condicionaram a arquitetura residencial, até pela própria necessidade de mostrar o poder de ostentação que particularmente cada um esteve privado.

Natividade é a única cidade de norte do antigo Goiás que ainda conserva um núcleo apreciável de edifícios históricos, mas, o que mais se preservou foi a estrutura das Igrejas, permanecendo suas linhas originais.

As construções das Igrejas de Natividade não ficaram a margens das normas eclesiásticas vigente em todo o Brasil colonial. As Igrejas de Natividade foram construídas em lugares destacados e altos da cidade, dando a impressão que as mesmas estão ali em vigília constante para com toda a cidade e sua população, onde as ruas parecem surgir todas procedentes do largo da Igreja e não e inverso.

Observando o desenho de Buchel, viajante inglês que esteve na região no início do século XIX, os mesmos revelam e repetem o tipo de ordenação representado pelo pequeno agrupamento de casas, pelo predomínio de sua disposição irregular, algo esparsa, pelo correr de ruas mal delineadas, tortuosas e incostantes na largura, de pequenas travessas, de terrenos que parecem escorregar desalentadamente.

Observa-se uma igreja nem sempre muito avantajada, para atender não só os moradores do povoado, mas também os vizinhos mais próximos do termo que habitam na zona francamente rural, Igreja nem sempre requintada,

porém constituída o melhor, senão o único edifício digno de maior interesse e o seu adro,³ a reforçar esse interesse relativo, talvez o maior, senão o único largo generoso ou capaz, ainda que modesto, de abraçar todos do lugar e das redondezas.

A Igreja parece ser fonte irradiadora de todas as outras construções destoando da arquitetura residencial pela “magestude” do seu edifício, que mesmo em período em que se encontram em ruínas o símbolo de grandeza predomina, contrastando com a pobreza da economia particular da população.

A matriz de Nossa Senhora da Natividade é o edifício mais destacado, tendo seu adro como ponto principal, formando um conjunto como ponto focal da vida e da paisagem da cidade.

A sua localização geográfica fica no pé da serra onde o ouro era extraído, como que servindo de virgilha para quem adentrasse na exploração do minério, ou como para quem de lá descesse com o ouro, ou também como ponto de apoio e consolação dos que não conseguiram realizar o seu sonho de enriquecimento rápido.

No lado extremo da cidade a Igreja de São Benedito bem menor do que a matriz, parece ter papel semelhante perante a população e a própria organização das ruas. Observa-se que todo o povoamento é “coberto” pela Igreja, tanto no aspecto geográfico irradiando todo o alinhamento das ruas, como no aspecto social “dominando” à outra parte da cidade.

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos é o retrato fiel da sociedade escravista mineradora, mostra o contraste extremo de branco/preto, senhor/escravo, predominante em todo o Brasil colônia, como podemos perceber pelas observações de Joham Emanuel Pohl, viajante inglês que esteve nesta região na segunda dezena de século XIX⁴, “(...) a igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos superaria a todos os demais templos da Capitania, se fosse terminada. A edificação dessa igreja foi iniciada pelos negros livres, segundo uma grandiosa planta, mas só a metade ficou concluída; por falta de meios, sobretudo pela diminuição da produção de ouro, a construção teve de ser abandonada. Obstinadamente, recusaram o oferecimento dos habitantes não-negros de contribuírem em comum para o término do belo edifício, embora pela sua pobreza e tenua perspectiva de futura prosperidade, lhes seja absolutamente impossível terminarem a edificação”.

O papel da Igreja numa comunidade é muito importante pela representação arquitetônica, mas, mais importante ainda é que dela depende o reconhecimento pelo Estado dessa comunidade, aumentando o significado do templo e do clero secular.

Com o tempo a antiga capelinha, talvez agora já reformada ou mesmo totalmente refeita, transforma-se em sede paroquial, paróquia ou, mais recentemente em Igreja Matriz do lugar. Com a sacristia, a obrigatoriedade de todo ser cistão de adquirir à sua cidadania.

Mas o local da Igreja matriz, ou da nova Matriz, será o mesmo aquele ponto geograficamente destacado de quando se iniciou um ajuntamento de moradias; aquele terreno então generosamente amplo que, sempre que possível, exibia de todos os lados a capelinha original, que possibilitava o seu contorno quando das procissões; aquele setor da povoação privilegiada pela concentração de gente, de atividades e de negócios que a proximidade do templo estimulava.

Abstract: This article analyzes the Church's role in the shaping of Brazil's colonial cities, as far as their geographic localization is concerned, as well as social and political aspects. The town of Natividade, founded during the first half of the 18th century, in the northern region of Goiás (today Tocantins State), will be used as an example.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERREZ, Gilberto. **O Brasil do primeiro Reinado visto pelo Botânico William John Burchell - 1825/1829**. Rio de Janeiro. fundação Nacional Pró-Memória, 1881.
- POHL, John Emmanuel. **Viagem ao interior do Brasil**. Rio de Janeiro, INL, 1951.
- MAX, Murillio. **Cidade no Brasil Terra de Quem?** - São Paulo: Nobel: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.
- NATIVIDADE - **Oito vertentes e dois momentos de síntese da arquitetura brasileira**. Universidade Católica de Goiás, Folheto 1.
- SAINT HILAIRE, A, de. **Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Província do Goiás**. São Paulo, Ed. Nacional.
- VASCONCELLOS, Sylvio. **Arquitetura dois estudos**. Ministério de Educação e Cultura - Secretaria da Educação Superior - Universidade Católica de Goiás - Departamento de Arte e Arquitetura.

NOTAS:

* Professora de História da Universidade do Tocantins.

¹ MARX, Murillo, **Cidade no Brasil terra de quem?** São Paulo: Nobel: Editora da Universidade de São Paulo, 1991, p. 22.

² idem. p. 23.

³ Área aberta dianteira e a circundante da Igreja.

⁴ POHL, Joann Emanuel, **Viagem no interior do Brasil**. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia: São Paulo, Ed. Universidade de São Paulo, 1976, p. 271.